

Plano é triplicar a oferta de gás natural

por Fátima Belchior
do Rio

219

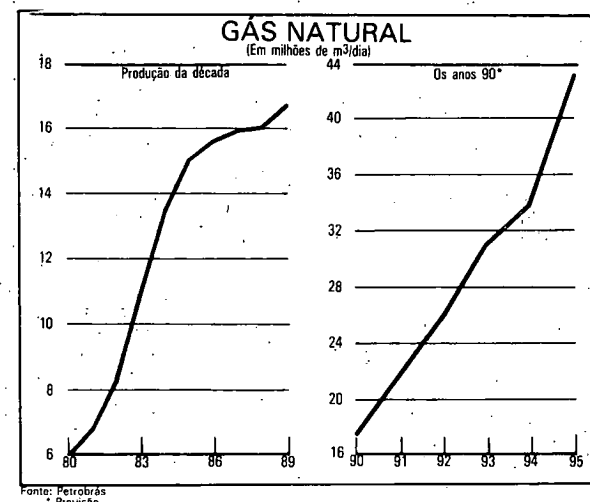
Apesar de se classificar hoje como um pequeno produtor de gás natural, o Brasil poderá, nos cinco primeiros anos da década de 90, dar um novo impulso à participação deste produto na sua matriz energética. Segundo o plano estratégico da Petrobrás, o salto da produção será dos atuais 17,5 milhões de metros cúbicos por dia para 42,8 milhões em 1995. Haverá, portanto, crescimento de 144%.

Atualmente, a presença do gás natural na matriz energética brasileira é de apenas 2%. Enquanto a energia hidráulica ultrapassa um pouco os 40%, o petróleo está presente com cerca de 20%, assim como a lenha. O fato é que as reservas provadas de gás natural ainda são pequenas: somam 116 bilhões, num total de 113 trilhões metros cúbico distribuídos pelo mundo. Na linha de frente estão a União Soviética, com reservas de 43 trilhões, Oriente Médio, com 35 trilhões, e os Estados Unidos, com 4,7 trilhões de metros cúbicos.

Indústrias do Estado de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Bahia, com destaque para as do Polo Petroquímico de Camaçari, e de outros estados nordestinos, assim como residências do Rio e de São Paulo, são clientes do gás natural produzido pela Petrobrás. Aliás, hoje, a principal parcela da produção efetivamente utilizada — 14,2 milhões de metros cúbicos por dia — vai para terceiros: 7,9 milhões de metros cúbicos por dia, enquanto 6,3 milhões são consumidos pela própria Petrobrás.

O restante — 3,3 milhões ou cerca de um quinto do que sai dos poços — ainda é queimado. E isso ocorre pelo fato de a maior parte da produção de gás no Brasil estar associada ao óleo, embora nem sempre seja viável retirar e aproveitar os dois, por questões de viabilidade econômica ou mesmo operacional.

O gás natural, largamente utilizado no mundo desenvolvido, tem ganho espaço significativo no rol de preocupações da Petrobrás. Os investimentos na exploração e produção des-



se produto estão associados aos do óleo, que deverão somar US\$ 16,9 bilhões nos próximos cinco anos.

Já aprovado pelo governo, o programa de investimentos da Petrobrás para os primeiros cinco anos da década de 90 fará com que a produção de gás natural chegue aos 21,8 milhões de metros cúbicos por dia em 1991, aos 26 milhões em 1992, aos 31 milhões em 1993, aos 33,8 milhões em 1994 e, por fim, aos 42,8 milhões em 1995.

Em verdade, segundo informou Renato Machado Quaresma, engenheiro de produção da Petrobrás, a maior parte de todo este gás que será produzido nos próximos cinco anos já foi descoberta, restando, portanto, que se façam investimentos em produção ou que se domine a tecnologia de águas profundas.

A programação de produção para 1990, 1991 e 1992 já se baseia em reservas provadas nas bacias terrestres e marítimas do País. Dos 31 milhões projetados para 1993, 29,5 milhões já foram descobertos, assim como os 30,8 milhões dos 33,8 milhões de 1994. O programa de 1995 está, hoje, mais distante do que os demais no que se refere à incorporação do que foi descoberto: de uma expectativa de 42,8 milhões de metros cúbicos por dia de produção, 35,1 milhões encontram-se em campos já existentes e os 7,7 milhões restantes dependem de novas pesquisas exploratórias.

O plano de metas da Petrobrás para a produção de

gás natural não prevê, pelo menos nos cinco primeiros anos da década, muitas mudanças quanto às bacias produtoras. A grande novidade está por conta do campo de Merluza, na bacia de Santos, que a partir de 1992 começará a produzir 1,5 milhão de metros cúbicos por dia.

As demais áreas produtoras se preservarão, evidentemente com aumento de produção, na medida em que já se revelaram detentoras de gás natural. Do Amazonas, que hoje contribui com 230 mil metros cúbicos de gás por dia, a Petrobrás pretende sair da fase da queima (o que acontece hoje, por falta de mercado local) para o aproveitamento do produto na geração de energia elétrica para Manaus (Amazonas), Porto Velho (Rondônia) e Rio Branco (Acre) e sua transformação em gás liquefeito de petróleo (GLP), o gás de cozinha.

A grande contribuição em 1995 será da bacia de Campos, a exemplo do que já ocorre hoje. Lá, ao retirar o óleo, a Petrobrás produz, automaticamente, o gás natural. Como os projetos de futura produção para os campos gigantes de Marlin e Albacor já contemplam sistemas para o gás, a expectativa é de que, em cinco anos, aquela bacia, no litoral fluminense, participe do cômputo global com 14,7 milhões de metros cúbicos por dia. Isso significa 35% do total projetado para 1995 e um pouco mais do que se retira atualmente dos campos brasileiros.